

ALFABETIZAÇÃO FILOSÓFICA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES DO ENSINO MÉDIO EM AFONSO BEZERRA/RN

Philosophical Literacy and Secondary Teacher Education in Afonso Bezerra/RN

Carlineide Justina da Silva Almeida¹ - UERJ 

Walter Omar Kohan² - UERJ 

RESUMO

Partimos de uma situação real: a alfabetização filosófica (AF) na formação de professores do Ensino Médio em Afonso Bezerra. A AF é uma prática pedagógica *reinventada*, inspirada nas 40 horas de Angicos (RN) e pensada a partir das especificidades do Núcleo de Estudos de Filosofias e Infâncias da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (NEFI/UERJ). Nossa objetivo é dialogar acerca das contribuições que a formação em AF oferece à formação de professores. Deste estudo emergiu uma pergunta: o que o ato de perguntar suscita numa formação de professores? Durante a escrita, contemplamos a revisão bibliográfica e a técnica nuvem de palavras, além das experiências vividas na formação. A prática formativa em AF possibilitou aos professores uma intensidade de pensamentos, que atravessaram e problematizaram nossa maneira de nos relacionar com a pergunta, as palavras, os outros, a vida, o mundo...

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização filosófica; Ensino médio; Formação; Experiência.

ABSTRACT

We begin with a real situation: philosophical literacy (PL) in the education of secondary school teachers in Afonso Bezerra. PL is a reinvented pedagogical practice, inspired by the “40 Hours of Angicos” experience and shaped by the specific context of the Center for Núcleo de Estudos de Filosofias e Infâncias (NEFI) at the Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Our aim is to explore the contributions that training in PL offers to teacher education. From this study, a central question emerged: what does the act of questioning provoke in the process of teacher education? In developing this work, we conducted a literature review and used the word cloud technique, in addition to reflecting on the lived experiences during the training process. The formative practice in PL enabled an intensity of thought among the teachers, which traversed and challenged our ways of relating to questions, words, others, life, and the world.

KEYWORDS: Philosophical literacy; Secondary education; Training; Experience.

¹ Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Educação (ProPEd) da UERJ. Mestra em Educação pela UFRN. Especialista em Sustentabilidade no Semiárido pela UFERSA. Graduada em Educação pela UERN. EMAIL: carlineidealmeida45@gmail.com.br.

² Professor titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Cientista do Estado (FAPERJ) e Procientista (UERJ). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Coordena o Projeto de Extensão em Escola Pública (“Em Caixas a Filosofia em caixa?”, UERJ/FAPERJ) e Projetos de Pesquisa Interinstitucionais junto a Universidades Nacionais e Internacionais. EMAIL: wokohan@gmail.com.

INTRODUÇÃO

A escrita que desejamos partilhar neste trabalho envolve a concepção de formação de professores a partir da experiência de Alfabetização Filosófica (AF) pensada pelo/no Núcleo de Estudos de Filosofias e Infâncias da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (NEFI/UERJ). Partimos, assim, de uma conjuntura concreta: a reinvenção das 40 horas de Angicos (RN) pensada a partir das especificidades do NEFI.

Sabemos que não é fácil reinventar uma experiência, sobretudo quando se trata de uma experiência coordenada por Paulo Freire e uma equipe de 13 universitários, responsável por alfabetizar, em 40 horas, cerca de 300 jovens e adultos em 1963, no município de Angicos, Rio Grande do Norte. A prática educativa pensada por Freire e seus colaboradores reunia a leitura de mundo e a leitura da palavra, contemplando para tal as palavras oriundas do universo vocabular dos próprios estudantes.

Na reinvenção dessa prática, experimentamos reunir, também, a leitura de mundo e da palavra, mas não com intenção de ler e escrever signos verbais (os educadores e as educadoras participantes são alfabetizados no sentido clássico da palavra). Nosso objetivo é promover uma leitura de outros signos, uma leitura filosófica da realidade – e, consequentemente, uma reescrita e transformação desta nos contextos educacionais onde os educadores-educandos já atuam.

A princípio, experimentamos a AF na formação de alfabetizadores de jovens e adultos do Programa Supera RN, na cidade de Pau dos Ferros (RN), em junho de 2022. A convite da Subcoordenadoria de Educação de Jovens e Adultos (SUEJA) da Secretaria de Estado da Educação, da Cultura, do Esporte e do Lazer do RN (SEEC), em julho de 2023, participamos da Formação Continuada para Educadores da EJA. Foram 48 horas de formação com professores da EJA, apoiados por suas respectivas Diretorias Regionais de Educação (Diracs).

Em julho de 2024, experimentamos a AF com professores do ensino médio (EM) da Escola Gildecina Bezerra, na cidade de Afonso Bezerra (RN), por ocasião da Jornada Pedagógica Interna da instituição. É sobre essa experiência que iremos abordar neste trabalho. O encontro formativo foi regado de espanto, alegria, sorrisos, curiosidades, mistérios, começos, esperança, criatividade, olhares atentos, pensamentos bulícos, escuta, tempo, perguntas e diálogos.

Elegido a alfabetização filosófica e a formação de professores do EM de Afonso Bezerra como objeto, nosso objetivo é dialogar acerca das contribuições que ela pode oferecer à formação deles. Para tanto, a problemática envolve as seguintes perguntas: o que a alfabetização filosófica pode oferecer à formação de professores do EM? O que o ato de perguntar pode suscitar numa formação de professores? Salientamos que as perguntas em evidência não esgotam as possibilidades de pensamento deste trabalho. Ao contrário, elas alimentam nosso estado de curiosidade na relação com a inquietação, o espanto, o diálogo, a escuta, o tempo, a infância...

Os passos que caminhamos para chegar a algumas reflexões posteriores tem a ver com a postura de pesquisa que adotamos: uma pesquisa e-educativa (Masschelein; Simons, 2014). Para Masschelein e Simons, (2014), o ato de pesquisar é sempre uma maneira de se colocar à disposição do que se encontra pelo caminho, das possibilidades que se experimenta ao longo da caminhada. Logo, essa disponibilidade configura-se em ato educativo, pois, à medida que formamos, também somos formados. Na tentativa de habitar a ação formativa enquanto ato emancipado, inacabado, original e irreverente, coube à coordenadora pedagógica³ da Escola Gildecina Bezerra, em comunhão com seus pares, desenhar os próprios caminhos da formação.

³ A coordenadora pedagógica, à época, era doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação (ProPEd) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e integrante do Núcleo de Estudos de Filosofias e Infâncias (NEFI).

Nesse sentido, é importante ressaltar que a formação em AF não tem um roteiro pronto, uma forma acabada de formar professores. Embora pensemos em algumas propostas para dar início aos diálogos, a formação se constrói no próprio percurso, em comunhão com os colaboradores.

Para materializar os dados do trabalho, nos utilizamos de revisão bibliográfica, uma vez que ela ajuda na escolha dos materiais que servirão de subsídio teórico e científico nos trabalhos acadêmicos (Leite, 2008). Além disso, recorremos também à técnica nuvem de palavras, um artifício que permite compreender e analisar os discursos dos colaboradores da pesquisa a partir do número de vezes que eles repetem algumas palavras.

Vilela, Adenize e Nildo (2020, p. 31) apontam que “as nuvens de palavras são, portanto, representações gráfico-visuais que mostram o grau de frequência das palavras em um texto”. Elas possuem diversas utilidades, que vão desde o destaque de termos para conferência, até sua aplicabilidade como ferramenta no processo de ensino-aprendizagem (Gil; Oliveira, 2023). Sua composição baseia-se em gráfico digital, gerando assim uma aglomeração de palavras que se organizam de acordo com sua frequência (Gil; Oliveira, 2023).

Desse modo, quanto mais a palavra é pronunciada, mais chamativa é sua representação no gráfico. Assim, os resultados apresentados pela nuvem de palavras transformam-se em mecanismos de análise e em exercícios de pensamento das práticas que nos afetam mediante o objeto estudado. Para a criação da nuvem de palavras, utilizamos o Wordart, um dos muitos softwares disponibilizados on-line para essa função⁴.

Chegamos até a nuvem de palavras a partir do olhar atento e cuidadoso com o qual observamos os sentidos trazidos pelos professores em suas falas acerca do curso de alfabetização filosófica, após a leitura do texto de Cecília Meireles. Logo, elaboramos uma lista com as palavras que apareciam entre as falas dos professores em formação.

A experiência formativa em AF na escola Gildecina Bezerra foi uma forma de nos colocarmos à disposição um do outro para refletirmos e dialogarmos sobre nossas práticas educativas e como nos relacionávamos com a pergunta, a escuta, o diálogo e o tempo em nossa ação pedagógica diária. Assim, no decorrer da experiência com os professores de EM da escola de tempo integral, procuramos vivenciar uma formação que fosse filosófica e não tanto técnica ou demasiado teórica. Uma formação em que pudéssemos experimentar a pergunta, a escuta, o tempo, o pensar com outras e outros.

ALFABETIZAÇÃO FILOSÓFICA: O ATO DE FORMAR (SE) POR ENTRE DIÁLOGOS E PERGUNTAS...

A reinvenção das 40 horas de Angicos é de fato uma forma de aceitar o convite que o próprio Paulo Freire faz no livro *Por uma pedagogia da pergunta*, quando diz: “Não é por outra razão que sempre digo que a única maneira que alguém tem de aplicar, no seu contexto, alguma das proposições que fiz é exatamente refazer-me” (Freire; Faundez, 2002, p. 41). Com Paulo Freire, aprendemos que Angicos é um laboratório vivo de práticas educativas que convida a novas aprendizagens, desafios, perguntas, experiências, invencionices, reinvenção...

Nesse contexto, a ideia de reinventar as 40 horas de Angicos é fruto da viagem pedagógica empreendida pelo professor Walter Omar Kohan através do Nordeste para comemorar os 100 anos de Paulo Freire em 2021. Desse modo, não é exagero dizer que sua origem contamina

⁴ Wordart é um software com acesso gratuito no qual são criadas as chamadas nuvens de palavras. Disponível em: <https://wordart.com>. Acesso em: 26 out. 2024.

a própria metodologia, uma vez que comprehende a formação como gesto criador de possíveis deslocamentos. Isso faz com que a ideia de alfabetização escape de seu sentido ferramental, funcional, assim como fez Freire. A ideia de alfabetização filosófica passa a tratar, portanto, da educação do pensar. No entanto, o pensar não como técnica, ferramenta, habilidade ou competência, mas como necessidade existencial. Todos nós temos direito de experimentar uma educação que ajude a pensar, formar, re-formar, recordar, recuperar, transformar, inventar e reinventar saberes. Logo, percebemos que a alfabetização filosófica, a partir de sua dimensão problematizadora, tem de alguma forma contribuído para ajudar formadores e formandos a refletir suas realidades e mundos, assim como “reunir teoria e prática, abstração e concretude, reflexão e ação, pensamento e vida” (Kohan, 2021, p. 64).

A AF é uma proposta formativa que prioriza o sentido das palavras e das perguntas, a escuta sensível, o diálogo, o pensar juntos, o tempo... Além disso, possibilita ensinar e aprender em comunhão, ou seja: quem forma se forma e reforma ao formar; e quem é formado forma-se e forma ao ser formado (Freire, 2021a).

Nesse sentido, Paulo Freire nos ensina que a formação não é uma ação pela qual se molda um corpo indeciso e acomodado. Formar tem a ver com reciprocidade, isto é, quem ensina também aprende, pois, do ponto de vista democrático no qual nos situamos com o autor, a formação é um ato contínuo realizado por homens e mulheres inacabados em seu processo histórico de estar sendo no mundo e com o mundo, uma vez que “ensinar inexiste sem aprender, e vice-versa” (Freire, 2021a, p. 25). Logo, pensar-se em formação torna-se um movimento caminhante, ou melhor, um percurso crítico, investigativo e criativo gerado em meio às vivências, acontecimentos e descobertas.

REGISTROS DA PRÁTICA DE ALFABETIZAÇÃO FILOSÓFICA COM PROFESSORES NA ESCOLA GILDECINA BEZERRA

A Escola Estadual Professora Gildecina Bezerra está localizada no município de Afonso Bezerra, com distância de 170,2 km de Natal, capital do Estado do Rio Grande do Norte (RN). É composta por 348 alunos e quase 20 professores atuando em três realidades distintas: Ensino Médio em Tempo Integral (EMTI), Curso Técnico em Agroecologia (TA) e Ensino Médio Potiguar (EMP). A experiência com professores do EM da escola Gildecina Bezerra em Afonso Bezerra foi uma tentativa de pensarmos juntos sobre a importância da pergunta, do diálogo, da escuta e do tempo que habitamos dentro e fora da escola e em nossas práticas pedagógicas. Algo como um tempo para habitar o tempo. Talvez o tempo que estivéssemos procurando habitar naquela formação fosse um tempo que não se mede pela força do relógio, mas pela potência da curiosidade, da invenção, do olhar, do sentir, do pensar.

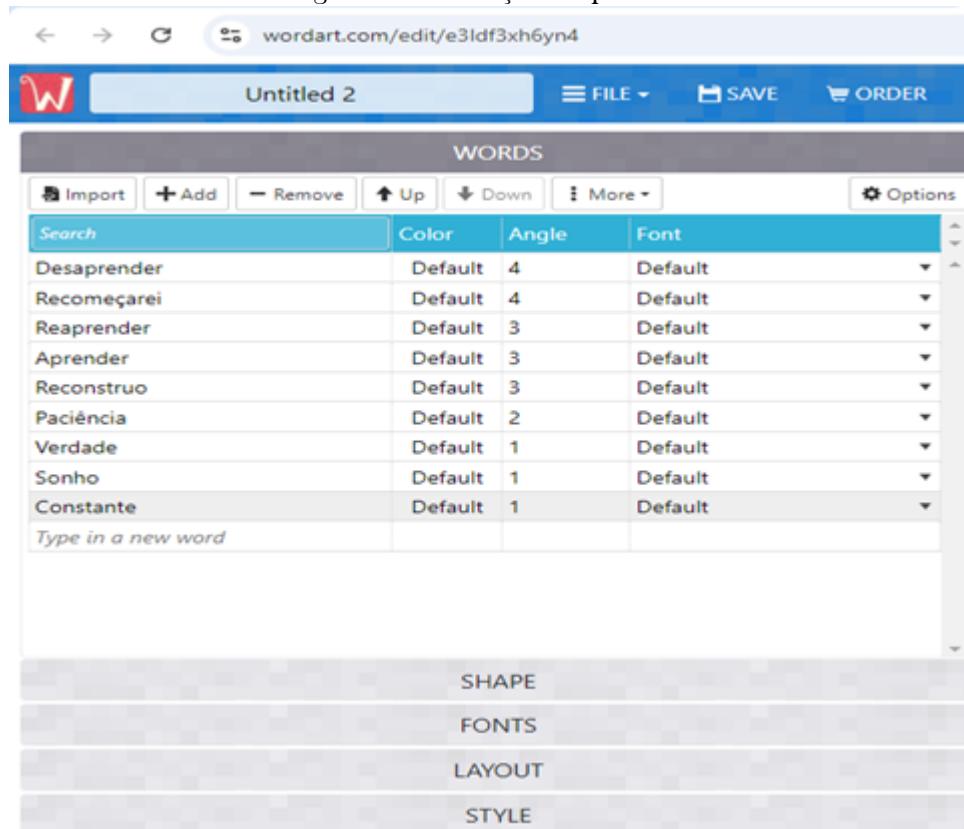
A formação foi conduzida pela coordenadora pedagógica integrante do NEFI. A princípio, realizou-se a leitura coletiva do poema de Cecília Meireles “Hoje desaprendo o que tinha aprendido até hoje”. Nessa etapa, os professores foram convidados a olhar e sentir atentamente o texto. O segundo momento foi um convite para que pensassem e destacassem três palavras que os convidava a estar naquela formação.

A potência de pensar a força das palavras do texto levou-os ao ato de perguntar e perguntar-se. Exercitamos a pergunta de forma pedagógica, e com ela pensamos as diversas maneiras de habitar a escola e a educação. A formação foi se constituindo em sua própria forma e transformando-se em uma experiência irreverente, inventiva, paradoxal e ambivalente. Formandos e formadores ocupavam os mesmos lugares.

Logo, percebemos que o encontro formativo possibilitou aos participantes um processo autoformativo. De alguma forma, as ações desenvolvidas em conjunto naquela jornada em AF foi um ato formativo inacabado e próspero de “experienciar o pensar, pensar a experiência” (Berle, 2018, p. 48). No movimento da formação, os professores representaram o motivo de sua presença através de algumas palavras-chave. A socialização das palavras nos fez perceber que havia muitos termos repetidos, ou seja, havia algo em comum no desejo de estar ali.

Diante disso, inserimos as palavras apresentadas pelos professores no Wordart, respeitando o número de vezes que foram evocadas.

Figura 1 – Evocação de palavras



Fonte: Elaborado pela autora.

As palavras evocadas pelos professores, de alguma maneira, apontam para o exercício de olhar não apenas para si mesmo, mas também para a própria prática. Esse esforço nos faz pensar na importância “de gestar uma ideia, resistir com essa ideia, aprender a educar-se e a movimentar-se com uma ideia” (Berle, 2018, p. 61). Esse movimento de socializar as palavras, pensá-las e olhá-las atentamente foi uma experiência extraordinária e intensa, capaz de abrir novos mundos e novas formas de pensar e conhecer juntos, elaborar novos conhecimentos juntos, construir e desconstruir outras formas de saber juntos.

Mediante a proposta de pensarmos juntos o que estávamos fazendo, a formação em AF com 10 professores da escola Gildecina permitiu-nos deparar não só com as palavras acima destacadas, mas, sobretudo, com um estado de espanto, atenção e sensibilidade. A quantidade

de vezes que os termos foram evocados gerou uma nuvem de palavras. Esse repertório apresenta uma lógica que “demanda profundidade e não superficialidade na compreensão e interpretação dos fatos” (Freire, 2021b, p. 35).

Figura 2 - Nuvem de palavras



Fonte: Elaborado pela autora.

A nuvem de palavras é como um apanhado do pensamento dos professores em relação ao momento vivido durante a formação. Olhar a nuvem é enxergar, ao mesmo tempo, as palavras e seus rastros, ou seja, aquilo que pode compor a intencionalidade dos sentidos e significados dos professores acerca da formação e do que ela pode contribuir com sua prática pedagógica, por exemplo. As palavras não são apenas palavras. Elas são meios, isto é, caminhos que levam a pensar.

A maneira como os professores recorreram ao texto trabalhado – a escolha das palavras, o diálogo empreendido e a escuta sensível das reflexões – parece ter-lhes permitido habitar a formação enquanto experiência. A formação enquanto experiência é aquela que coloca a si mesmo, o outro, a vida e o mundo em questão, ou seja, a formação é o ato de “sair constantemente de si mesmo” (Masschelein; Simons, 2019, p. 49).

Nesse sentido, o ato de sair de si mesmo consiste em abrir o mundo, torná-lo livre, compartilhável, interessante, “um objeto de estudo da prática” (Masschelein; Simons, 2019, p. 51). Logo, o ato de formar-se com e a partir do movimento de pensar com as palavras é um exercício de suspensão das verdades absolutas e um encontro com o “eu” de cada um no processo de reinvenção e começo da nossa relação com o mundo.

As palavras em destaque “recomeçarei”, “reaprender”, “reconstruo” e “desaprender” prefiguram a identidade de um sujeito em formação, isto é, de alguém que carrega o desejo de

aprender outras coisas, de habitar outros tempos, outros mundos e outras vidas. Elas são partilhas sensíveis nas quais homens e mulheres se apoiam para argumentar, descrever, criar, inventar, formular e reformular ideias e representações. “Quando fazemos o exercício de pensar sobre as palavras – e com elas –, nos deparamos com bordas de um repertório de sentidos do que as palavras denotam e conotam, sobretudo, quando os temas da educação são abordados” (Berle, 2018, p. 178).

Parece que a experiência formativa em alfabetização filosófica permitiu aos professores do EM caminhar por caminhos incertos em busca de sua própria forma e concepção de ensinar: ensinar como uma forma de desaprender para aprender; ensinar como uma maneira de recomeçar e reconstruir. Perceberam, dessa maneira, que não é apenas sobre ensinar conteúdos, seguir o tempo cronometrado para cada disciplina e dar conta dos itinerários formativos previstos no currículo. Pelo contrário, trata-se de como estamos habitando e vivendo os tempos da escola integral e como isso tem refletido em suas práticas pedagógicas. No diálogo, fomos notando que, mesmo regida pelo tempo do relógio, a escola tem outros tempos que precisamos habitar. Talvez o tempo dos mistérios, das incertezas, da criatividade, das invenções. Tempos estes que também são uma forma de inaugurar a vida e o mundo, de transformá-los, aprofundá-los, desfamiliarizá-los e refazê-los mediante uma percepção habitual atenta, cuidadosa e em movimento.

Nisto consiste a alfabetização filosófica: apostar numa percepção educativa em que o tempo da escola seja, quem sabe, um tempo aíón, um tempo presente, um tempo dos começos, das perguntas, da escuta, dos mistérios (Kohan; Fernandes, 2020). Esse tempo parece ser fundamental para a experiência de pensar e pensar-se. A atitude de refletir sobre si mesmo, as coisas, a vida e o cotidiano é uma tentativa feliz e extraordinária de problematizar filosoficamente a própria existência e nossa intervenção no mundo, através da educação enquanto experiência, enquanto caminhos para construir outros mundos reais, irreais, possíveis, desejáveis e necessários (Waksman, 2002).

Assim, a filosofia inspira a ação educativa, fazendo-nos refletir e observar qual o verdadeiro sentido de ensinar/aprender. O esforço que compõe esse exercício está na maneira como vivemos a verdadeira filosofia. “A verdadeira filosofia é reaprender a ver o mundo e nesse sentido uma história narrada pode significar o mundo com tanta profundidade quanto um tratado de filosofia” (Merleau-Ponty *apud* Wozniak, 2012, p. 132). A filosofia é uma provocação, uma aventura e um chamado para viver os mistérios da vida e do mundo. Por esse motivo, ela nos ajuda a pensar, enxergar e expandir o pensamento sem prejulgamentos. Ajuda-nos a fomentar, viver e problematizar esse ato amorosamente com outros e outras, reinventando o mundo e a vida.

[...] sem certas qualidades ou virtudes como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto da alegria, gosto da vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos, identificação com a esperança, abertura à justiça, não é possível a prática pedagógico-progressista, que não se faz apenas com ciência e técnica (Freire, 2021b, p. 118).

Freire diz que é preciso ir além dos planos e conteúdos programáticos exigidos nas escolas. Para ele, educar está para além dos muros da escola. Não basta apenas ensinar a leitura correta das palavras, é preciso dialogar sobre o sentido delas no mundo e na vida de cada um. É necessário, a partir delas, entender certas injustiças que oprimem e aprisionam homens e mulheres a uma vida sem dignidade. Somente quando nos colocamos em questão, numa atitude

de cuidado, atenção e humildade sobre o que fazemos, enxergamos que aprender/ensinar é um ensaio que se manifesta na experiência do pensamento, com o pensamento e no pensamento.

Nossa existência converte-se em território de criação e invenção daquilo que nos inspira: os começos. Aprender é começar. É criar e re-criar. “Aprender para nós é construir e reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura de espírito” (Freire, 2021b, p. 68). Aprender é deslocar-se, estabelecer sentidos e relações com o pensar. É tocar levemente os saberes mergulhados na curiosidade, que nos move em direção à criticidade do pensar autêntico, gerando aberturas para romper com o pensar ingênuo, metódico, antidialógico, categorizado e classificado. Aprender, neste caso, não é uma prerrogativa de quem supostamente sabe em detrimento de quem nada sabe; ao contrário, é uma experiência de estar no mundo e com o mundo. Em outras palavras, aprender é um ato de disposição de quem se percebe inacabado, independentemente da posição que esteja ocupando.

Aprender é, assim, como morrer e nascer todos os dias. O que dá sentido à aprendizagem não é o conhecimento adquirido, verbalizado, sacralizado, absoluto, hierárquico. O que dá sentido à aprendizagem é a curiosidade alimentada tanto pela escuta quanto pelo amor. “É ela que me faz perguntar, conhecer, atuar, mais perguntar, re-conhecer” (Freire, 2021b, p. 84). A fala de Freire nos direciona a refletir sobre a importância de perguntar e perguntar-se. Não à toa, a pergunta é um dos princípios da AF e segue permeando a formação de muitas maneiras.

O ATO DE PERGUNTAR E PERGUNTAR-SE NA ALFABETIZAÇÃO FILOSÓFICA

A pergunta, como dito anteriormente, além de ser um dos princípios da formação em AF, é também nossa companheira de reflexão e viagem. Claro que essa atividade formativa não foi uma tarefa fácil. Alguns professores da área de ciências da natureza e matemática, por exemplo, fizeram um esforço muito bonito para participar da proposta de alfabetização filosófica enquanto ato formativo. Eles esperavam por uma palestra. No entanto, o que receberam foi um movimento dialógico e filosófico, em que fomos convidados a pensar a vida, o mundo, a escola, as práticas pedagógicas, o tempo, a escuta, o pensamento... Eles ficaram espantados!

Um dos professores da área de ciências da natureza, durante o diálogo, fez a seguinte pergunta: “Que horas vai começar a formação?”. Houve silêncio na sala. Os olhares se voltaram em direção ao professor e logo um sorriso se desenhou por entre os lábios trêmulos nos rostos tímidos. A pergunta pareceu constrangedora para alguns que estavam tentando se envolver com a dinâmica da formação. Para a formadora (em formação), era algo pertinente, afinal, a pergunta é sempre bem-vinda na alfabetização filosófica. Desse modo, foi sugerido aos colegas que, em vez de responder à pergunta, cuidássemos dela, alimentando-a. O espanto foi geral! Os professores esperavam uma formação regada a palestra – que não aconteceu. Agora esperavam uma resposta à pergunta do professor, que também não aconteceu.

Evidentemente fizemos um esforço para desfazer essas ideias. Esse movimento contrário desmanchou algumas expectativas: não houve palestra e sim diálogo, escuta de si mesmo. Ou seja, quem estava previsto para falar, na verdade, escuta, provoca, pensa e convida a pensar: não responde perguntas, ao contrário, cuida delas, devolve outra pergunta, instaura a curiosidade, convida a novas perguntas. Esse exercício com a pergunta é necessário numa formação que prioriza a vida, o mundo, o existir, as palavras, o pensamento, a escuta, o diálogo e o tempo. Trouxemos a pergunta do professor ao centro do diálogo e ali pudemos pensar juntos sobre ela. Problematizamos alguns aspectos de sua composição com outras perguntas, a saber: “Quando começa e quando termina uma formação?”, “Qual o tempo de uma formação?”.

As perguntas foram nossas aliadas para pensar que a formação, enquanto experiência, não se preocupa com o tempo do relógio, mas com o espaço/tempo que dedicamos para ensaiar novas formas de aprender e ensinar, isto é, novos cursos de estudo que priorizam a vida como uma oficina viva. Em outros termos, aprendemos na vida e com a vida outras formas de habitar o mundo e construir outros mundos. “Uma das tarefas fundamentais do educador progressista é, sensível à leitura e à releitura do grupo, provocá-lo, bem como estimular a generalização da nova forma de compreensão do contexto” (Freire, 2021b, p. 80).

Nesse movimento, fomos percebendo que a pergunta, por exemplo, é uma forma de ensinar a pensar durante a formação em AF. Ela ajuda as pessoas a refletirem o que sabem e como sabem que sabem, e, além disso, convida a saber melhor o que já sabem. “Saber melhor significa precisamente ir além do senso comum a fim de começar a descobrir a razão de ser dos fatos” (Freire; Horton, 2009, p. 159).

Enquanto falávamos do ato de perguntar, pensamos nas relações que estabelecemos com a pergunta no cotidiano de nossas práticas pedagógicas. Rapidamente surgiram as seguintes perguntas: “De que forma nos relacionamos com as perguntas dentro e fora da escola?”, “Perguntamos por que queremos saber algo novo, ou por que queremos provar ao outro que ele não é capaz de saber por si mesmo?”. Outra vez, o silêncio habitou na sala. Logo, uma nova proposição foi feita: escrever uma pergunta. Poderia ser sobre o que estávamos discutindo ou sentindo naquele momento. De dez professores participantes, nove socializaram suas perguntas. Não os identificaremos por uma questão ética. As perguntas foram apresentadas e, em seguida, pensamos sobre e a partir delas:

Como manter a **constância**? (Professor 1).

Você está disposto a **reaprender** ou **buscar novos conhecimentos**? (Professor 7).

Qual o meu nível de **sensibilidade para sentir as mudanças necessárias**? (Professor 8).

Que outros conhecimentos **preciso aprender** e que **queira aprender**? (Professor 9).

Encontramos, nas falas dos professores, algumas perguntas que conversam entre si, convergindo para um pensamento do “eu”, subjetivo, e da prática docente enquanto objeto de estudo permanente do seu fazer docente. Parece-nos um elemento fundamental que ensinar/aprender se dilua no saber fundante de uma prática educativa problematizadora, dialógica, libertadora, pensante, curiosa e inquietante. “É na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente” (Freire, 2021b, p. 57). É a consciência de nossa inconclusão humana que nos faz existir; que nos insere no movimento constante de busca pelo saber e pela esperança; tanto esperança de saber melhor o que já se sabe quanto o que ainda não se sabe. Percebemos que os professores seguiam preocupados também em saber:

Quem somos realmente? (Professor 2).

O frio pode ser quente? (Professor 3).

O que você está sentindo hoje? (Professor 4).

Essa busca por sentidos e identidades atravessada nas perguntas dos professores dão conta de continuar pensando em nosso inacabamento humano. A forma como nos reconhecemos reflete nossa prática docente. Alguém que se reconhece em formação é um “ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, as suas inibições; um ser crítico e inquiridor” (Freire, 2021b, p. 47). Saber quem é e qual sua principal tarefa enquanto educador-educando é uma predisposição a aceitar a transformação. Estar sendo no mundo com outros nos põe numa posição educativa constante, isto é, “toda prática educativa demanda a existência de sujeito, um que, ensinando, aprende, outro que aprendendo, ensina” (Freire, 2021b, p. 68). Em vista disso, outros dois professores perguntaram:

O que quer saber quem pergunta? (Professor 5).

O que eu aprendi hoje? (Professor 6).

Nas falas dos professores, percebemos um exercício que instaura curiosidades, rupturas e desafios. Não se trata da pergunta pela pergunta, mas da pergunta “enquanto princípio do conhecimento” (Freire; Faundez, 2002, p. 50). Desconfiamos que *querer saber* o que aprendeu faz parte do movimento exigido pela prática educativa enquanto ato político, curioso e transitivo. O que aprendemos e como aprendemos tem relação direta com a invenção de nossa existência. Quanto mais problematizamos o mundo e nossa existência, mais aprendemos a intervir na realidade, transformando-a e recriando-a (Freire, 2021a).

A proposta de pensar *com* e *a partir* das perguntas junto aos professores foi um convite para vivenciar uma nova relação pedagógica de saber com o ato de perguntar e perguntar-se. Ensinar a pensar com/a partir da pergunta é “ousar-se ao risco, [...] como única forma de avançar no conhecimento, de aprender e ensinar verdadeiramente” (Freire; Faundez, 2002, p. 52).

A presença da pergunta numa alfabetização filosófica que ensina a pensar nos aproxima ainda mais do pensamento de Paulo Freire (2002, p. 56), para quem a “pedagogia radical da pergunta torna-se condição de enfrentamento” à “toda prática educativa que se funda no estandardizado, no pré-estabelecido, na rotina em que todas as coisas estão pré-ditas” (Freire; Faundez, 2002, p. 52).

Notemos que a pergunta na educação possibilita ao “homem discussão corajosa de sua problemática. De sua inserção nesta problemática. Que o coloque em diálogo constante com o outro” (Freire, 1959, p. 33). A pergunta como princípio dessa alfabetização ou educação que ensina a pensar sugere também ações educativas, por exemplo, que o professor, na prática, consiga criar “com os alunos o hábito, como virtude de perguntar, de espantar-se” (Freire; Faundez, 2002, p. 48). Isto é, precisamos de intervenções pedagógicas que fomentem a pergunta como fio condutor do diálogo, numa “relação dinâmica forte, viva entre palavra e ação, entre palavra-ação-reflexão” (Freire; Faundez, 2002, p. 49).

Para Kohan (2022), há muitas maneiras de entender a pergunta no processo educativo. Há quem prefere tê-la inserida na lógica de um ato explicativo que embrutece os saberes, dado que “impõe e abole a distância, que a desdobra e que a reabsorve no seio de sua palavra” (Rancière, 2020, p. 22), e há quem prefere tê-la como percurso, caminho para alimentar a curiosidade. Para ele, estamos acostumados sempre a respondê-las. “De fato, tendemos a responder a todas as perguntas quando talvez só umas poucas exijam e precisem serem [sic] respondidas” (Kohan, 2022, p. 296). O que não fazemos com as perguntas? De acordo com o autor: “escutá-las com atenção” (Kohan, 2022, p. 296). Fomos ensinados a falar e responder as perguntas sem pensar *com* e *sobre* elas.

Escutar as perguntas é um exercício que requer cuidado, atenção e tempo: “[...] para escutar uma pergunta precisamos nos dispor de um tempo de escuta; é preciso então ‘inventar’ um tempo suspenso, não corrido, devagar para que uma pergunta possa de fato chegar até nós” (Kohan, 2022, p. 297). A pergunta numa educação filosófica é uma predisposição para construir e desconstruir conceitos, visto que, ao invés de castrar a curiosidade diante de uma expectativa inicial com a resposta, preferimos alimentá-la e escutá-la de muitas maneiras, explorando suas possibilidades e encantamentos de saberes, partilhas, buscas e começos, tal como fizemos na experiência formativa com professores de EM da escola Gildecina Bezerra.

PARA TERMINAR COMEÇANDO...

Ao longo dessas reflexões, procuramos delinear a importância da AF enquanto ato formativo com professores do EM da escola Gildecina Bezerra em Afonso Bezerra. Percebemos, no decorrer da experiência, que a alfabetização filosófica possibilitou aos professores uma intensidade de pensamentos que atravessou, descortinou e problematizou nossa maneira de nos relacionar com a pergunta, as palavras, os outros, a vida, o mundo e o próprio ato de ensinar/aprender. Aprendemos, na/com a alfabetização filosófica, que o diálogo, a escuta, o tempo, o pensar juntos e a pergunta carregam em si um movimento potente de territórios conhecidos e desconhecidos.

Nesse sentido, a alfabetização filosófica, enquanto ato formativo, ensina a pensar e a formar-se em comunhão, sem fixar saberes e sacralizar verdades. Trata-se de se relacionar com os saberes como experiência, como caminhos para “abrir o mundo habitado e sonhar com novos mundos ainda por habitar e para sonhar formas amorosas, inquietas e infantis de compartilhar essas aberturas e sonhos” (Kohan, 2022, p. 300). Ela exige de nós muita abertura, diálogo, curiosidade, inquietação, amorosidade, esperança, escuta, atenção e disponibilidade.

Enquanto proposta educativa e formativa, reinventada e inspirada nas 40 horas de Angicos, a alfabetização filosófica ofereceu aos professores do EM a oportunidade de repensar a própria prática e a si mesmos. Fez-nos perceber que a formação é um ato cooperativo, colaborativo, emancipador e dialógico, no qual todos os envolvidos, formadores e formandos, aprendem e ensinam em comunhão.

Por sua vez, a formação em comunhão é um ato que envolve escuta, atenção, diálogo, pergunta, igualdade, amorosidade, pensar juntos... Essa proposta é um permanente exercício de estar sendo no mundo. Ela é uma forma de provocar o outro a pensar sobre si mesmo, sobre a vida, o mundo, as diferentes realidades, as verdades impostas pela sociedade. Portanto, a alfabetização filosófica buscou propiciar aos professores do EM um espaço para pensar, escutar, perguntar e estudar-se na relação com o mundo, com os outros e com a vida. Como proposta formativa, é um gesto de olhar para si, para nossas práticas e para os outros, que nos convida a começar todos os dias uma vez mais.

REFERÊNCIAS

BERLE, Simone. **Infância como caminho de pesquisa:** o Núcleo de Estudos de Filosofias e Infâncias (NEFI/PROPEd/UERJ) e a educação filosófica de professoras e professores. Rio de Janeiro: NEFI, 2018.

FREIRE, Paulo. **Educação e atualidade brasileira.** Tese de concurso para a cadeira de história e filosofia da educação na escola Belas Artes de Pernambuco. Recife, 1959.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 67. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2021a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. 4. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2021b. p. 49-65.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo; HORTON, Myles. **O caminho se faz caminhando**: conversas sobre educação e mudança social. Organização Brenda Bell, John Gaveta e John Pete. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

GIL, Henrique; OLIVEIRA, Jessica. O Red «Nuvem de palavras» em contexto educativo: resultados de uma investigação na Prática de Ensino Supervisionada no 1.º Ciclo do Ensino Básico. **Egitania Sciencia**, v. 32, n. 1, p. 9-24, 2023. Disponível em:
<https://egitaniasciencia.ipg.pt/index.php/revista-egitaniasciencia/article/view/154>. Acesso em: 25 out. 2024.

KOHAN, Walter Omar. **Paulo Freire**: um menino de 100 anos. Rio de Janeiro: NEFI, 2021.

KOHAN, Walter Omar. **Uma viagem de sonhos impossíveis**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2022.

KOHAN, Walter Omar; FERNANDES, Rosana Aparecida. Tempos da infância: entre um poeta, um filósofo, um educador. **Educação e Pesquisa**, v. 46, p. e236273, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202046236273>. Acesso em: 29 set. 2024.

LEITE, Francisco Tarciso. **Metodologia científica**: métodos e técnicas de pesquisa (monografias, dissertações, teses e livros). Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2008.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **A pedagogia, a democracia, a escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola**: uma questão pública. Tradução Cristina Antunes. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante**: cinco lições sobre a emancipação intelectual. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

VILELA, Rosana Brandão; ADENIZE, Ribeiro; NILDO, Alves Batista. Nuvem de palavras como ferramenta de análise de conteúdo: uma aplicação aos desafios do mestrado profissional em ensino na saúde. **Millenium**, v. 2, n. 11, p. 29-36, 2020. DOI:
<https://doi.org/10.29352/mill0211.03.00230>

WAKSMAN, Vera. Da tensão do pensar: sentidos da filosofia com crianças. In: KOHAN, Walter Omar. **Ensino de filosofia. Perspectivas.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002. p. 117-180.

| Submetido em: 30/12/2024

| Aprovado em: 30/02/2025

| Publicado em: 05/12/2025